

Regan quer Brasil mais austero

Miami — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, considerou doloroso, mas essencial, o programa de recuperação econômica do governo brasileiro para se ajustar aos problemas provocados pela sua dívida externa. Regan falou ontem por duas horas para os participantes do congresso de Câmara de Comércio e Indústria, que está se realizando nesta cidade com a participação de uma delegação de empresários de Brasília. O secretário defendeu a abertura de um maior diálogo dos países latinos com os Estados Unidos, para que o financiamento de programas econômicos e o mercado americano continuem abertos ao interesse de todos os países. Em seu discurso de duas horas o secretário Regan citou o Brasil três vezes, defendeu o Fundo Monetário Internacional como uma instituição que resguarda os programas financeiros internacionais e anunciou, respondendo a uma pergunta, que o México estará plenamente recuperado de seus problemas econômicos no prazo de dois anos. Sobre o Brasil não quis fazer previsões, mas preferiu dizer que os Estados Unidos estão saindo da maior recessão dos últimos 46 anos, o que, segun-

do ele, será muito bom para todos os países. Lembrou também que os Estados Unidos continuarão ajudando financeiramente os países latinos, em seus programas econômicos, ratificando decisão tomada na reunião dos ministros de Finanças que terminou ontem em Caracas.

Em sua carta aos participantes do Congresso, lida antes do início da palestra do secretário Donald Regan, o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, afirmou que o seu país não negará ajuda a todos os países latinos e citou o caso de El Salvador e Nicarágua, onde os Estados Unidos tentam resolver problemas de natureza política e econômica. Ronald Reagan falou ainda de um plano de recuperação econômica que o Banco Interamericano de Desenvolvimento vai iniciar nos países latinos, dando prosseguimento a um trabalho, do mesmo nível que já vem sendo feito no Coubé.

O Congresso das Câmaras de Comércio e Indústria, que tem a participação de 25 países latinos, dos Estados Unidos e do Canadá, teve um momento de emoção quando os empresários resolveram protestar contra o atentado ao avião sul coreano, abatido na última semana por um míssil da

União Soviética. Este assunto tem tomado grande parte do noticiário das redes de televisão.

Ficou ainda bem claro no segundo dia do Congresso, que os empresários nos Estados Unidos não estão mais dispostos a continuar financiando programas de desenvolvimento nos países latino-americanos, sem que seja definido melhores regras de confiabilidade. A delegação brasileira que participa do congresso, chefiada pelo presidente da Federação do Comércio de Brasília, Newton Rossi, já se comprometeu com a Câmara de Comércio e Indústria Latina para colaborar no esclarecimento junto ao governo brasileiro das condições que -ão exigir, a partir deste Congresso, para direcionar seus investimentos em nosso país.

Hoje, último dia do Congresso o presidente da Federação do Comércio de Brasília, Newton Rossi, fará uma palestra aos participantes sobre os fatores que afetam a empresa privada na América Latina. Rossi disse ontem em Miami que pretende apresentar propostas concretas para a recuperação econômica das empresas e o seu fortalecimento no mercado livre.